

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

Marxismo e Indianismo na Bolívia: inovações e polêmicas na síntese
teórica do grupo “Comuna”.

Rodrigo Santaella Gonçalves

Projeto de pesquisa apresentado à
Fundação de Amparo à Pesquisa do
Estado de São Paulo – FAPESP – sob
orientação do prof. Dr. Alvaro Gabriel
Bianchi Mendez como requisito para
obtenção de bolsa na categoria
Mestrado.

Campinas/SP

2011

RESUMO

A pesquisa apresentada aqui tem como objeto o pensamento político do grupo Comuna, na Bolívia, entre 1991 e 2010. O pensamento do grupo sempre teve como mote a incorporação do indianismo boliviano dentro dos marcos de análise do marxismo, e para atingir esse objetivo teórico-político produziu elaborações teóricas inovadoras no campo do marxismo latino-americano, principalmente a respeito do papel revolucionário da propriedade comunal e da atualização do conceito de classe trabalhadora. Nesse sentido, a pesquisa propõe parte de uma dupla necessidade: a) da investigação das inovações teóricas propostas pelo La Comuna no âmbito do marxismo, b) da reconstrução das principais polêmicas em que esse grupo se envolveu com outras tradições marxistas e indianistas na Bolívia nesse período. Trata-se de uma discussão teórica sobre o pensamento político do grupo e de uma discussão histórica sobre o surgimento dessa corrente de pensamento. A pesquisa é um desdobramento da investigação científica finalizada em 2010 sob o tema “Estado, neoliberalismo e alternativas na América Latina: uma análise da experiência boliviana”, e se enquadra num conjunto mais amplo de pesquisas dentro do Centro de Estudos Marxistas (CEMARX), na linha de Marxismo e Teoria Política – frente de pensamento político marxista latino-americano.

1. APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA

O presente projeto se propõe a discutir o surgimento e desenvolvimento, como corrente de pensamento político na Bolívia, do grupo Comuna no período de 1991 a 2010. O grupo, que teve sua primeira publicação editada em 1991, foi formado por alguns intelectuais bolivianos, entre eles Álvaro García Linera, atual vice-presidente da Bolívia, Luis Tapia Mealla, Raúl Prada Alcoreza e a mexicana Raquel Gutierrez Aguilar. A principal ambição teórica e política do grupo consistiu, desde o início, em analisar a realidade boliviana a partir principalmente do arcabouço teórico marxista, aproximando-o do pensamento indianista, para atuar na realidade do país, com o objetivo mais geral constituir categorias de análise marxistas contemporâneas para os processos de mobilização recentes no país, assim como tornar-se uma referência teórica e política anticapitalista para os movimentos sociais, partidos políticos e a intelectualidade boliviana no final do século XX e início do século XXI.

Nesse sentido, a pesquisa propõe parte de uma dupla necessidade: a) da investigação das inovações teóricas propostas pelo Comuna no âmbito do marxismo latino-americano e b) da reconstrução das principais polêmicas em que esse grupo se envolveu com outras tradições marxistas e indianistas na Bolívia neste período.

O tema proposto apresenta-se como um desdobramento da pesquisa concluída pelo autor em 2010 na Universidade Federal do Ceará, acerca das políticas sociais implementadas pelo Estado boliviano desde a ascensão de Evo Morales à presidência em 2005, publicada como monografia de conclusão do curso de Ciências Sociais e intitulada “Estado, neoliberalismo e alternativas na América Latina: uma análise da experiência boliviana”. Tal desdobramento pareceu necessário pelo fato das conclusões da referida pesquisa terem indicado a necessidade de um estudo aprofundado sobre as concepções teóricas que fundamentam as políticas implementadas pelo governo boliviano. Além disso, da pesquisa obteve-se a constatação de que a Bolívia tem uma produção intelectual bastante original no âmbito do pensamento crítico latino-americano, o que torna necessária a compreensão de suas peculiaridades para qualquer interessado na relação que a teoria marxista estabeleceu e estabelece com o subcontinente.

O debate a respeito das possibilidades da utilização das categorias marxistas, tanto na análise quanto na prática política do continente latino-americano, é antigo. Em princípios do século XX, o pensador peruano José Carlos Mariátegui (2008) iniciou uma empreitada até então inédita no sentido de adaptar o arcabouço teórico marxista à realidade do continente, especialmente a andina, afirmando que o socialismo na América Latina não poderia ser uma simples cópia dos modelos aplicados na Europa. Desde então, diversos autores marxistas latino-americanos estiveram preocupados com a adaptação do marxismo para a realidade do subcontinente. Sejam autores considerados clássicos como Caio Prado Júnior (1987) e o próprio Mariátegui, alguns dos principais marxistas bolivianos do século XX como René Zavaleta Mercado (1986), ou marxistas contemporâneos, como Atílio Borón (1994) e Cláudio Katz (2007), muitos foram os pensadores que representaram, a partir de perspectivas diferentes, a obsessão em produzir um pensamento marxista genuinamente latino-americano.

Na Bolívia, a corrente de pensamento fundada pelo grupo Comuna encarna quase que totalmente essa obsessão nas duas últimas décadas, tendo uma produção teórica vasta e original no âmbito do marxismo. Com o intuito de analisar a realidade boliviana, de relacionar o

pensamento marxista com o indianismo e de, a partir disso, produzir uma teoria crítica marxista vinculada à conformação social da Bolívia, novos conceitos e novas formas de tratar antigas questões concernentes à realidade do subcontinente – como as da propriedade comunal, a da conformação da classe trabalhadora e a da utilização do instrumento do Estado – são desenvolvidas pelo grupo a partir de textos pouco conhecidos de Marx, como os Cadernos Sobre a América Latina e os Cadernos Etnológicos¹.

A produção teórica do grupo destoa positivamente do momento de pouca teorização marxista na América Latina a respeito dos processos de mobilização contra o neoliberalismo e de aparecimento e fortalecimento de novas formas organizativas. Além disso, desde 2005, um setor desses intelectuais está inserido e exerce influência no governo boliviano de Evo Morales, o que torna ainda mais interessante a compreensão da fundamentação teórica que norteia parte das ações deste governo. Tudo isso, aliado ao fato de tratar-se do país mais pobre da América do Sul, de maioria indígena e que passou por um dos processos mais acirrados de mobilização social entre os anos de 2000 e 2005, faz da Bolívia um dos laboratórios teóricos e políticos reais mais interessantes no campo da ciência política e demarca a relevância do objeto da presente pesquisa.

2. OBJETIVOS E HIPÓTESES

A questão principal que norteia toda a pesquisa a ser realizada é se essa tentativa de síntese entre as duas correntes revolucionárias – marxismo e indianismo – da Bolívia feita pelo grupo Comuna consegue formar-se como um arcabouço teórico crítico e coerente, que potencialize a transformação revolucionária da realidade boliviana, como se propõe, ao aliar, de acordo com a realidade boliviana, aspectos diferentes dessas duas “cosmovisões”.

¹ Marx, ao preparar suas obras, produzia centenas de cadernos de anotações. No *Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis*, em Amsterdam, se conservam os cadernos escritos entre os anos de 1880 e 1882. Dentre estes estão de 8 a 10 cadernos sobre a América Latina. O trabalho mais completo publicado sobre esses cadernos é o do antropólogo socialista jamaicano Lawrence Krader, publicado pela primeira vez em 1972, sob o título de *The ethnological notebooks of Karl Marx: studies of Moran, Phear, Maine, Lubbock*. Uma edição espanhola desta publicação, que é utilizada no presente projeto, saiu em 1988, sob o título de *Los apuntes etnológicos de Karl Marx: transcritos, anotados e introducidos por Lawrence Krader*.

Objetivo Geral

A partir dessa questão inicial, tem-se como *objetivo geral*,

- Analisar a produção do grupo Comuna entre os anos de 1991 e 2010, na Bolívia, buscando mapear e compreender as inovações teóricas trazidas pelos intelectuais do grupo ao marxismo latino-americano e o contexto histórico no qual elas estão inseridas.

Objetivos Específicos

- Sistematizar e descrever quais são as principais elaborações teóricas produzidas pelo grupo.
- Periodizar o contexto histórico e elencar os principais fatos da história boliviana que produziram, segundo os autores, essas elaborações.
- Descrever e situar historicamente as principais polêmicas nos quais o pensamento político do grupo se envolveu no âmbito do marxismo e do indianismo bolivianos.

Hipóteses

• Ao tratar de forma específica e conforme a realidade boliviana o papel revolucionário da propriedade comunal e ao ampliar o conceito de classe na direção de formular uma idéia mais ampla de sujeito revolucionário, o grupo Comuna produziu um arcabouço teórico coerente e em grande medida inovador no âmbito do marxismo na América Latina. As duas principais inovações teóricas encontradas são:

- a) O papel revolucionário que podem cumprir, dentro de um bloco mais amplo, a coletividade daqueles sujeitos cujas atividades produtivas estão ligadas à propriedade comunal, e que o grupo caracteriza por “classe comunal”.
- b) A incorporação teórica, a partir da reestruturação produtiva ocorrida com o neoliberalismo e do deslocamento da grande massa de operários mineiros para outros postos de trabalho, serviços ou atividades camponesas, de outros setores subalternos da

população boliviana que não somente os trabalhadores assalariados no âmbito do conceito de “classe trabalhadora”, ampliando a idéia de quais os setores da sociedade conformam o sujeito revolucionário atualmente na Bolívia.

- O grupo guiou suas preocupações teóricas no sentido de abranger, dentro do campo analítico marxista, o setor indígena da população boliviana. Essa preocupação parte de dois aspectos principais:

a) Da constatação de que as principais correntes marxistas bolivianas – as estalinistas ligadas ao *Partido Comunista Boliviano* (PCB) ou as trotskistas ligadas ao *Partido Obrero Revolucionario* (POR) – até então não haviam dado conta de incorporar a questão étnica na análise da realidade boliviana, tratando os indígenas – maioria dos bolivianos – simplesmente como camponeses ou pequeno proprietários.

b) Do contexto histórico, já que a desarticulação sofrida pelo sindicalismo e pela classe trabalhadora boliviana em geral a partir de 1986, com o fechamento das minas e o advento do neoliberalismo no país, trouxe a necessidade de se pensar de forma mais sistemática a conformação específica das classes sociais na Bolívia. A ampliação do alcance do conceito de classe trabalhadora visava, dentro desse contexto, incluir trabalhadores não assalariados, determinados tipo de pequenos proprietários e camponeses, que conformavam a maioria da população boliviana, dentro dos esquemas analíticos marxistas. O fato dessa maioria da população, difusa no que diz respeito às condições de trabalho, ter como fator unificador o caráter étnico, fez com que o grupo passasse a se debruçar sobre a questão da propriedade comunal e do papel que ela poderia cumprir para a superação do sistema capitalista.

- As principais polêmicas suscitadas a partir do pensamento do grupo surgem como polêmicas teóricas, mas se desenvolvem como divergências políticas na medida em que o grupo vai aumentando sua influência na vida política do país. A subjetivação da classe trabalhadora é a principal polêmica com a corrente trotskista contemporânea na Bolívia, representada principalmente por Lorgio Orellana Aillón, e a participação do “homem branco” na

emancipação da nação indígena é a maior polêmica com o indianismo radical anticapitalista, representado por Felipe Quispe e seu partido, o *Movimiento Indígena Pachakuchi* (MIP). Ambas as polêmicas desembocam numa crítica do projeto político influenciado pela corrente de pensamento do grupo Comuna, principalmente por considerá-lo um projeto de conciliação de classes, de forma alguma anti-sistêmico.

3. DEBATE BIBLIOGRÁFICO PRELIMINAR

Grande parte da síntese bibliográfica aqui apresentada se localiza num contexto histórico de reabertura de canais de diálogo do marxismo boliviano com o pensamento indianista (LINERA, 2010, p.316), principalmente a partir da reestruturação do mundo do trabalho proveniente do neoliberalismo. Esses canais foram percebidos por alguns intelectuais que buscavam tratar dos temas mais caros à realidade do país numa perspectiva materialista histórica não ortodoxa. Impulsionado principalmente por Álvaro García Linera, Raquel Gutiérrez, Luis Tapia, Raúl Prada o grupo Comuna congregou esses intelectuais, que baseavam suas idéias, além dos textos clássicos do marxismo, em alguns menos conhecidos, encontrados entre os manuscritos presentes em Amsterdam. Além disso, o grupo também tinha influência de autores marxistas do século XX, como Antonio Gramsci e o boliviano René Zavaleta Mercado, de alguns autonomistas como Toni Negri e até de correntes mais distantes do marxismo, passando por Pierre Bourdieu, Gilles Deleuze, Félix Gattari, e Michel Foucault – os três últimos principalmente no caso de Raúl Prada.

Da reestruturação do mundo do trabalho causada pelas políticas neoliberais a partir de meados da década de 1980 vinha a necessidade da atualização do pensamento crítico boliviano, que era justificada com o argumento de que a coluna vertebral da esquerda boliviana, os sindicatos operários mineiros, havia sido duramente derrotada depois da “Marcha por la Vida”²,

² Marcha realizada por mais de 5 mil trabalhadores mineiros bolivianos acompanhados de suas famílias, em 1986, em protesto contra o fechamento das minas estatais. Depois de 24 horas de cerco do exército, impedindo a chegada de qualquer tipo de suprimento, a 57km da cidade de La Paz – destino da marcha os mineiros decidiram voltar para suas casas, no que foi considerada uma das maiores derrotas dos trabalhadores mineiros no século XX na Bolívia.

em 1986, e as minas de estanho haviam sido fechadas, o que fez com que os trabalhadores migrassem em grande parte para o campo ou para o setor de serviços urbanos. A partir dessa desarticulação brutal dos trabalhadores das minas, a atenção desse setor da esquerda boliviana se voltou para os camponeses, e a temática étnica pôde vir à tona. O grupo Comuna afirmava que era necessário polemizar e teorizar contra uma “esquerda que não via índios, mas somente proletariado, classe média e camponeses” (GALLEGOS, STEFANONI e SVAMPA, 2009, p.13). O grupo expressava, por um lado, a necessidade de incorporar esse amplo setor da população boliviana – os camponeses de origem indígena – no âmbito da análise marxista, e por outro lado via dentro da teoria marxista possibilidades de elaborar um fio condutor na leitura da questão indígena, analisando a realidade boliviana de forma diferente do que a esquerda tradicionalmente havia feito no país e na América Latina.

A busca por textos de Marx e Engels (1979; 1980; 1980b;) que tratassem da questão indígena e comunitária rendeu frutos para o grupo, e muito foi produzido a partir da leitura das Cartas a Vera Zasulich, dos Escritos sobre a Rússia, das análises sobre as situações coloniais da Índia e da Irlanda, de cadernos sobre a América Latina nos Grundrisse, d’O Capital e dos Cadernos Etnológicos, principalmente. Apesar das posições iniciais visivelmente eurocêntricas de Marx sobre a América Latina (BIANCHI, 2010, p.178), nesses textos, Marx mostra uma linha de pensamento pouco estudada pelos marxistas, e aborda questões bastante relevantes para a interpretação da realidade latino-americana, que no contexto da produção do grupo Comuna passam a servir como primeiro meio teórico de aproximação do marxismo com a questão indígena, e conseqüentemente com o movimento indianista.

Marx considera que o conceito de propriedade utilizado na Europa não pode ser transportado para sociedades onde a terra não pode ser alienada (vendida), do que resulta que a propriedade comunal é entendida como propriedade de toda a comunidade, não como propriedade privada de cada um dos indivíduos que nela estão (LINERA, 2008, p.34). A partir disso, fica claro o equívoco de se considerar os proprietários comunais bolivianos como

pequeno-burgueses, que não podem ser dotados de “confiança revolucionária”. Os apontamentos etnológicos de Marx mostrados por Lawrence Krader (1988) mostram que o pensador alemão de forma nenhuma se mantinha preso aos esquemas propagados pela Segunda Internacional e depois por Joseph Stalin, os quais afirmavam que existiam apenas cinco modos de produção possíveis: modo de produção primitivo, escravismo, feudalismo, capitalismo e socialismo; e que todas as sociedades tinham que ser caracterizadas a partir dessas categorias. Linera afirma que

una de las mayores enseñanzas que da este texto es la forma marxista de abordar la interpretación del desarrollo histórico de los pueblos comunitarios bajo procesos de colonización y dominio, no sólo por naciones extranjeras, sino esencialmente por formas de producción distintas. En particular, Marx rechaza que el único camino posible de salida, cuando un pueblo con una forma de producción distinta somete a otro, sea el de la imposición de la forma de producir de los dominantes sobre los dominados, como en Irlanda (...) La caracterización como “feudal” de las relaciones comunitarias esenciales de la producción campesina, en el caso de Bolivia y de otros países del mundo donde prevalecieron formas transformadas de comunitarismo, incluso en medio de relaciones capitalistas, siempre ha llevado a desconocer el papel y las tendencias revolucionarias de las masas comunarias, que sólo son vistas como residuos feudales que deben dar paso al “pujante capitalismo” (LINERA, 2008, pp. 45, 48-49)

Os intérpretes marxistas bolivianos estalinistas analisavam a Bolívia justamente dessa forma, em geral caracterizando o país como semi-feudal, e indicavam que a passagem pelo capitalismo era fundamental para a chegada do socialismo. Os trotskistas do POR, por outro lado, ficavam presos a esquemas parecidos, caracterizando, como fez Guillermo Lora (1994, p.42), todas as sociedades pré-colombianas simplesmente como pré-capitalistas.

Em contraposição a essas visões mecanicistas, o grupo Comuna argumenta que a luta de classes na Bolívia não está configurada por um conflito que se dê apenas no âmbito de um modo de produção (TAPIA, 2009, p.198). Isso significa dizer que a Bolívia é uma sociedade

multicivilizatória, na qual coexistem de forma sobreposta e desarticulada vários modos de produção e tempos históricos, mas que por outro lado teve sempre uma estrutura estatal cuja lógica organizativa provinha apenas da civilização moderna e mercantil capitalista (LINERA, 2010, p.187).

Essa configuração multicivilizatória da sociedade boliviana influi diretamente na sua composição de classe. A classe dominante e que quase sempre determinou a forma de organização do Estado e da economia bolivianas é conformada pela burguesia rural, industrial, grandes proprietários de terras e empresários, e vive uma crise de legitimidade política desde o início dos anos 2000 (TAPIA, 2009b). No outro pólo da sociedade, estão os povos indígenas comunitários e itinerantes, os camponeses – em sua maioria também de origem indígena – organizados em torno da agricultura “moderna”, e os trabalhadores urbanos e de fábricas, que em grande parte foram deslocados de seus postos – seja porque as empresas estatais fecharam, seja porque foram demitidos – e migraram para o campo, principalmente nas plantações de coca, ou para a informalidade nas cidades.

A partir da conceituação acerca da propriedade comunal na Bolívia e da caracterização da composição de classes do país, o grupo traz a atualização do conceito de classe trabalhadora e de sujeito revolucionário na Bolívia depois da reestruturação do mundo do trabalho proveniente do neoliberalismo. O primeiro argumento é o da existência de uma “classe comunal”, proveniente das pessoas organizadas anteriormente em torno de propriedades comunais. A consideração da categoria de classe comunal como uma classe social que não é necessariamente pequeno-burguesa nem proletária e que pode, na medida em que a propriedade comunal é desfeita pela dominação capitalista, ter um destino revolucionário ou não, é pouco usual no âmbito do marxismo. Para essa argumentação, o grupo alia as leituras dos Cadernos Etnológicos e sobre a América Latina com o retorno principalmente às leituras d’O Capital (MARX, 2005) e do Manifesto Comunista (*Id.*, 1998), além dos estudos do grupo acerca das

formas de organização e dos modos de produção dos povos indígenas originários na Bolívia, principalmente de Raúl Prada.

Para este autor, que dentre os participantes do grupo é o que tem menos influência do marxismo em sua construção teórica, é a classe comunal por si só que carrega o potencial revolucionário na sociedade boliviana. Influenciado diretamente por autores pós-modernos como Gilles Deleuze, Félix Guattari, além de Michel Foucault, Prada argumenta que o comunismo não é só a forma de sociedade baseada na satisfação das necessidades e no alcance do reino da liberdade, mas sim todas as formas de sociedade que atualizam as formas comunitárias e coletivas. O comunismo não seria uma tarefa generalizante a ser cumprida, mas sim o aglomerado de atualizações das formas comunitárias, que já existem no presente e não reproduzem a lógica capitalista, e que articuladas nos movimentos sociais criariam “contra-poderes” (PRADA, 2008). É a partir da noção de contra-poder e do conceito de multidão, herdados do italiano Toni Negri, que Prada busca fazer a ponte entre a tradição pós-moderna à qual se filia com uma perspectiva que busca a superação do sistema capitalista:

(...) el comunismo es la construcción en el presente del entramado social alternativo al Estado y a las estructuras sociales capturadas por el Estado y por el capital. Como dice Antonio Negri, hay varias formas de comunismo (...) En la perspectiva que trazamos nos interesa concentrarnos en la actualización de las formas comunitarias y colectivas que se diseñan en los movimientos sociales de Bolivia. (PRADA, 2008, p.17)

Mesmo não enfatizando as condições objetivas dos movimentos e não deixando em primeiro plano na análise o projeto político que representa o comunismo nem as condições materiais para a existência deste, Prada (2004) aponta para a necessidade de uma articulação entre essas formas de “comunismo já existentes”, que são os movimentos sociais. Neste sentido, se aproxima um pouco mais da análise de Luis Tapia e García Linera, que consideram a importância e o potencial revolucionário da classe proveniente dos povos indígenas comunitários – classe comunal –, mas enfatizam a necessidade de formação de um bloco, de

um sujeito histórico que de fato tenha condições de organizar a resistência ao sistema capitalista na Bolívia e apontar rumos para outro projeto de sociedade.

Tapia (2009), para analisar a formação do bloco historicamente dominante na Bolívia, as razões que levaram a sua crise, e a conformação de um bloco político oposto que contribui com a tomada do poder de Estado em 2005, parte da diferenciação de composição técnica e composição política de classe. A composição técnica de classe se relaciona com a configuração específica das forças produtivas, logo, define a classe propriamente dita. Já a composição política são as formas de organização, as práticas políticas e a ideologia que são produtos históricos da luta de classes e que possibilitam certo grau de autonomia que a classe desenvolve com relação a sua posição no processo produtivo (TAPIA, 2009, p.13). Da composição técnica se deriva o sujeito classista propriamente dito, que detém ou disputa o poder de classe na sociedade, enquanto que da composição política se deriva o sujeito político, aquele que disputa o poder de Estado. A formação de um bloco político, seja ele dominante ou não, se dá a partir da articulação da constituição desses sujeitos classistas com as determinações das estruturas nacionais e do sistema mundial. Não se trata de um bloco histórico já estabelecido no sentido gramsciano, porque a hegemonia ainda está em disputa. Por outro lado, não se trata tampouco de uma fração da classe dominante articulando o poder, como diria Poulantzas. Assim, a idéia de bloco político de Tapia tem elementos inovadores dentro do pensamento político marxista.

Por sua parte, Linera considera que a classe trabalhadora, em oposição à classe burguesa, se forma processualmente, a partir da condição em que se colocam seus membros, que como única maneira de tornar útil seu trabalho, de fazer valer o valor de uso da sua capacidade de trabalho, tem de se submeter aos ditames do capital (LINERA, 2010, p.69). Neste sentido, passa-se a considerar como classe trabalhadora não só os trabalhadores que têm sua força de trabalho expropriada diretamente pelo proprietário dos meios de produção, mas também aqueles que passam por intermediários, prestando serviços, fazendo trabalhos no próprio domicílio, ou aqueles que vendem sua força de trabalho através de produtos, os

trabalhadores autônomos, pequenos vendedores, etc. Com essa caracterização, Linera incorpora na classe trabalhadora – e em oposição à classe burguesa – justamente o setor proveniente do fechamento das minas e grande parte dos indígenas que tiveram suas propriedades comunais destruídas e passaram a trabalhar nas cidades.

Toda essa gama de sujeitos sociais teria, segundo Linera (*idem*, p.75), sua capacidade de trabalho submetida aos interesses e aos ditames do capital, e teria em comum justamente essa condição subordinada ao capital e à classe burguesa, que determinariam suas condições materiais de existência. Todo o trabalho produzido por eles é voltado e submetido à valorização do capital, o que os coloca em oposição à classe que se beneficia com essa valorização, aos verdadeiros donos dos meios de produção.

Essa valorização do capital pode acontecer, em certos casos, no plano individual, como ocorre com os assalariados de empresas; ou, em outros, na sociedade em seu conjunto, como o que sucede com os trabalhadores camponeses, artesanais, familiares, ou “conta-próprias”, uma vez que estes, sem valorizar tal ou qual empresário privado e sem manter contratos de emprego com nenhum burguês, mercantilizam sua capacidade de trabalho e valorizam o capital social enquanto submergem em relações mercantis (compra e venda de força de trabalho temporário, compra de produtos industriais, venda de produtos próprios, empréstimos bancários, etc.) (LINERA, 2010, p.75).

A questão, portanto, não é ter um vínculo contratual ou a posse legal de uma propriedade, mas sim as condições materiais de vida determinadas pelos interesses do capital, e a força de trabalho sendo usada para valorizar o capital: o trabalhador é uma mercadoria, e passa a ser visto como capital variável dentro do sistema.

A partir do debate bibliográfico preliminar apresentado até aqui, se pode inferir que, para o grupo Comuna, em termos gerais, o sujeito político da transformação social dos últimos anos na Bolívia tem sido um bloco multiclassista formado dentro do pólo subalterno da sociedade. Este bloco se conforma pela articulação entre a classe comunal, camponeses, trabalhadores e um setor das classes médias, em torno a um projeto político de matriz nacional

popular, por um lado, e de afirmação das identidades indígenas por outro. Quando se organiza em movimentos sociais e em sindicatos herdando muitas das práticas políticas indígenas e desemboca num instrumento partidário de cunho popular, este bloco se torna sujeito político ativo. A partir das análises de Luis Tapia, se percebe que os sujeitos classistas subalternos, transformados em sujeitos políticos e articulados num bloco político amplo logram a capacidade de colocar em crise o bloco dominante e disputar a hegemonia na Bolívia desde os anos 2000. Essa articulação de sujeitos, portanto, conforma o que pode vir a ser o sujeito revolucionário na Bolívia, desde que estejam organizados em torno de um projeto de superação do sistema capitalista e não simplesmente de um projeto de matriz nacional-popular e valorização e resgate das identidades indígenas. Toda essa construção teórica e as inferências feitas a partir dela serão aprofundadas com o andamento da pesquisa, já que aqui está um dos pontos-chave do pensamento do grupo Comuna.

Essa ampliação do alcance do conceito de classe trabalhadora e de sujeito revolucionário não passou despercebida no marxismo boliviano. Lorgio Orellana Aillón, sociólogo e marxista boliviano de origem trotskista, considera que, de fato, existiram mudanças substanciais no mundo do trabalho, mas que estas foram de cunho organizativo e tecnológico, e que não alteraram substancialmente a condição dos trabalhadores. Neste sentido, o autor considera que Linera opera uma “subjetivação” do proletariado, passando a considerar mais importante as questões culturais e de identificação do que as condições materiais, do que a composição técnica da classe. Isso seria fruto de um sentimentalismo exacerbado, que sobrepõe-se à razão, e que acaba por “*destilar ideología burguesa en su estado más puro*”. (ORELLANA AILLÓN, 2003, p.72)

Sobre Linera, Aillón afirma que

El autor no muestra “relación de fuerzas” alguna, sino *impotencia* obrera frente a *potencia* capitalista, servilismo obrero ante el capital, supremacía incontrovertible del capital sobre el proletariado “querellante” y “nacionalista” pre 1985 o sobre el proletariado “fragmentado” y “pulverizado”

del neoliberalismo. ¿Qué diferencias substanciales existen entre este lastimero quejido marxizante y la sentencia neoliberal de que la clase obrera y la lucha de clases ya no existen? (*Id. Ibid.* p. 73).

Além das polêmicas com outras tradições marxistas na Bolívia, o pensamento político do grupo La Comuna suscitou polêmicas com o setor mais radical do indianismo, de viés anti-branco, representado principalmente por Felipe Quispe (2001; 2001b; 2006) e o partido do qual faz parte, o *Movimiento Indígena Pachakuti* (MIP). Enquanto o indianismo katarista que se deixou aproximar daquele setor marxista defende um movimento indígena plural e inclusivo e caracteriza os maiores inimigos como sendo agentes externos, principalmente imperialistas e colonizadores, o MIP defende uma nação estritamente Aymará, sem a participação do homem branco em nenhum aspecto, e negando também a centralidade das outras identidades indígenas presentes na Bolívia. Além disso, este movimento tem caráter totalmente anti-capitalista e de conseqüente negação da democracia liberal, caracterizando o grupo Comuna como representante direto do MAS, e este como um partido social democrata (MAIZ, 2009, p.27) e, a partir do momento em que ocupou o Estado, perpetuador da ordem capitalista e ocidental vigente. Para Felipe Quispe (2001) não são apenas os Estados Unidos, os brancos estrangeiros e as multinacionais os inimigos, mas também todos os

bolivianos brancos e mestiços (...); os instrumentos locais ou capangas dos opressores estrangeiros ou colonialistas incluem ambos os partidos tradicionais de esquerda (acusados de desvios à direita) e, em particular o MAS, considerado o agente mais prejudicial à causa do MIP, devido a seu reformismo (visto como “integração ao sistema”), seu caráter social democrata (tido como “subserviência ao capitalismo”) e seu oportunismo. (MAIZ, 2009, p.27).

Nota-se que o debate suscitado a partir das reflexões e da atuação política de membros do grupo Comuna, que desde o princípio se propôs a aliar marxismo e indianismo na análise da realidade boliviana, ultrapassa os limites do debate marxista e se apresenta como uma temática ampla e desafiadora. As elaborações teóricas feitas pelo grupo no âmbito do marxismo

contribuíram com a análise da realidade boliviana e influíram diretamente nos rumos políticos do país.

4. METODOLOGIA

Por tratar-se de uma pesquisa de história do pensamento político, seu desenvolvimento consistirá principalmente numa investigação com base nos livros, artigos e panfletos produzidos pelos intelectuais do grupo, com o intuito de mapear detalhadamente o objeto e analisá-lo com profundidade, bem como numa revisão bibliográfica acerca do contexto histórico e teórico no qual ele está envolvido.

O estudo se concentrará nos textos publicados entre os anos de 1991, ano de publicação do livro *“De demónios escondidos y momentos de revolución. Marx y las extremidades del cuerpo capitalista”* (LINERA, 1991), que dá início às publicações em torno do grupo La Comuna e 2010, ano das publicações mais recentes do grupo. Além disso, alguns textos anteriores, desde documentos dos partidos da esquerda boliviana – POR, PIR e PCB – a análises da sociedade boliviana de alguns intelectuais em meados dos século XX, serão usados para contextualizar historicamente o objeto, situando o arcabouço teórico e conceitual estudado em seu respectivo espaço e tempo, e fundamentar a argumentação que será proposta na pesquisa.

A primeira etapa da pesquisa, de contextualização histórica do objeto, contará com textos de René Zavaleta Mercado (1986), Fausto Reinaga (1970; 1978), Liborio Justo (2007), Felipe Quispe (1989), Javier Hurtado (1985), Luis Tapia (2003; 2005) além de documentos do Partido Obrero Revolucionário e do Partido Comunista Boliviano, disponíveis no Arquivo Edgard Leuenroth, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

A segunda e mais longa etapa da pesquisa, a que mergulha no estudo do objeto propriamente dito, contará principalmente com estudos das obras de Álvaro García Linera

(1991; 1995; 1999; 2001; 2006; 2007; 2008; 2009; 2010), Luis Tapia (2006; 2009; 2009b; 2010), Raúl Prada (2004; 2008) e Raquel Gutiérrez (2009). Além disso, realizar-se-á também um estudo de algumas das obras de Karl Marx e Friederich Engels (1979; 1979b; 1980; 1980b; 1991; 1998; 2005) que inspiraram teoricamente as reflexões destes autores, para contextualizar teoricamente o objeto de pesquisa, assim como a sistematização feita por Lawrence Krader (1988) dos aportes etnológicos de Marx. Esta etapa contará também com viagem de campo à La Paz, com o intuito de buscar na editora La Comuna fontes para a pesquisa, tanto os panfletos produzidos pelo grupo quanto algumas edições de livros que não estão disponíveis no Brasil. Aqui se buscará também as cópias dos manuscritos dos Cadernos Sobre a América Latina e dos Cadernos Etnológicos de Marx, utilizados pelo grupo em suas teorizações.

A terceira e última etapa da pesquisa, que visa estudar as polêmicas suscitadas a partir do objeto de pesquisa, englobará leituras adicionais de Lorgio Orellana Aillón (2003; 2006) e de Felipe Quispe (1999; 2001; 2005; 2006).

A pesquisa transcorrerá no período de vinte e quatro meses, sendo que as leituras e fichamentos serão realizados ao longo dos primeiros doze meses. Nos primeiros três meses da pesquisa, se consolidará o já iniciado levantamento bibliográfico³ e busca de fontes locais, além das leituras de contextualização histórica e teórica do objeto. Na segunda metade do primeiro semestre será iniciada a segunda etapa, com as leituras e fichamentos referentes ao objeto propriamente dito, o pensamento político do grupo Comuna. Posteriormente, no segundo semestre, serão concluídas as leituras referentes a este eixo e efetuada a busca de fontes específicas, na Bolívia, além de iniciadas as leituras referentes ao terceiro e último eixo temático, o que debate as polêmicas com outras vertentes de marxismo e de indianismo. O relatório a ser entregue ao final do décimo segundo mês de pesquisa contará com a sistematização preliminar dos principais pontos vistos na pesquisa, que serão a coluna vertebral da elaboração da dissertação. Os dois últimos semestres serão reservados para a maturação

³ Por se tratar de uma temática contemporânea, o levantamento bibliográfico não será interrompido ao longo da pesquisa, sempre que houver necessidade de atualização dos debates.

teórica e reflexão do autor, a partir das leituras dos fichamentos, e processo de redação final da dissertação, que será apresentada no relatório final da pesquisa.

5. CRONOGRAMA

Atividade	Trimestre							
	1	2	3	4	5	6	7	8
Levantamento bibliográfico	■							
Leituras e fichamentos dos textos	■							
Viagem à Bolívia na busca de fontes			■					
Análise dos fichamentos e redação preliminar da dissertação			■					
Apresentação de resultados em eventos científicos				■				■
Exame de Qualificação				■				
Elaboração final da dissertação e defesa							■	■

6. FORMA DE ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados da pesquisa serão discutidos dentro do grupo de pesquisa Marxismo e Teoria Política, vinculado ao Centro de Estudos Marxistas (CEMARX), de cuja frente de pesquisa sobre pensamento político latino-americano o autor faz parte. Além disso, os resultados parciais da pesquisa, ao longo dos dois últimos semestres que perpassarão o processo, serão apresentados em simpósios, congressos, eventos acadêmicos em geral e em todos os eventos nos quais a possibilidade de divulgação do conhecimento científico na área de ciências humanas seja perene.

Por outro lado, por tratar-se de temas bastante polêmicos no meio intelectual marxista, é provável que algumas teses elaboradas na pesquisa venham a ser contestadas, e somente o posterior debate intelectual dará conta de trazer respostas às polêmicas que virão. Entretanto, a elaboração teórica aqui proposta pretende responder, a partir de um método rigoroso e de um estudo aprofundado, às perguntas que se coloca, e caso isso seja obtido da forma como foi descrita anteriormente os objetivos dessa pesquisa terão sido alcançados.

7. BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, E. *Luta de classes e conflitos étnicos na Bolívia contemporânea*, 2007 disponível em http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt7/sssao3/Everaldo_Andrade.pdf
- ARCHONDO, R. *Comunidad y divergencia de miradas en el Katarismo*. En publicación: Umbrales, no. 7. CIDES, Postgrado en Ciencias del Desarrollo, UMSA, Universidad Mayor de San Andrés, La Paz, Julio 2000
- BIANCHI, A. *O marxismo fora do lugar*. In: Política e Sociedade, v.9 n.16, pp. 177-203, Florianópolis: UFSC, 2010.
- BORÓN, A. *Socialismo del siglo XXI ¿Hay vida después del neoliberalismo?* Buenos Aires: Ediciones Luxemburg, 2008.
- _____. *Estado, capitalismo e democracia na América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- LA COMUNA, *Tiempos de Rebelión*. La Paz: La Comuna, 2001
- GALEGOS, F.R., STEFANONI, P., SVAMPA, M., *Las vías de la Emancipación: Conversaciones con Álvaro García Linera*. Cidade do México: Ocean Sur, 2009.
- GUIMARÃES, A.L., *A reemergencia de identidades étnicas na modernidade: movimentos sociais e estado na Bolívia contemporânea*. Rio de Janeiro: IESP-UERJ, 2010.
- GUTIERREZ, R. *Los ritmos del Pachakuti – Levantamiento y movilización en Bolivia (2000-2005)*, México DF: Sísifo ediciones, 2009.
- HURTADO, J. *El katarismo*, La Paz: Hisbol, 1985.
- JUSTO, Liborio. *Bolivia: la revolución derrotada*. Buenos Aires: RyR, 2007;
- KATZ, C. *Socialismo ou neodesenvolvimentismo?* Margem Esquerda, 9 (6), 2007.
- KRADER, L. *Los apuntes etnológicos de Karl Marx*. Madrid: Siglo XXI de España, 1988.
- LINERA, A.G. *A Potência plebéia – Ação coletiva e identidades indígenas, operárias e populares na Bolívia*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- _____. *Capítulo I. Marxismo y mundo agrario*. En publicación: La potencia plebeya. Acción colectiva e identidades indígenas, obreras y populares en Bolivia. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires; PROMETEO libros, Buenos Aires. Octubre. 2008. (não tem esse capítulo na edição brasileira)
- _____. *Marxismo, nacionalismo e indianismo en Bolivia. La “nueva izquierda” del presidente Morales*. En publicación: Cuadernos del Pensamiento Crítico Latinoamericano no. 2. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Publicado por Le Monde Diplomatique, España. Abril 2008b.
- _____. Entrevista concedida a Maristella Svampa e Pablo Stefanoni, “Evo simboliza el quiebre de un imaginario restringido a la subalternidad de los indígenas”. *Observatorio Social de América Latina*, n.22, set.2007.
- _____. *El evismo: lo nacional-popular en acción*. In: Revista del Observatorio Social de América Latina, VII (19), enero-abril, 2006
- _____. “García Linera llama a defensa armada de la nacionalización”, *Los Tiempos*, Cochabamba, 21 set. 2006b. Disponível em http://www.lostiempos.com/diario/actualidad/nacional/20060921/garcia-linera-llama-a-defensa-armada-de-la_21007_21007.html
- _____. Entrevista concedida a Pablo Stefanoni, *El Viejo Topo*, Mataró, Espanha, n.225, out. 2006c, p.44-49.
- _____. Entrevista concedida a Miguel Lora Fuentes: *El capitalismo andino es un paso intermedio para imaginar el socialismo*, em 2005, disponível em <http://www.bolpress.com/art.php?Cod=2005003649>;
- _____. *La condición obrera: estructuras materiales y simbólicas del proletariado de la minería mediana (1950-1999)*. La Paz: La Comuna/Cides-UMSA, 2001

- ____ *Reproletarización: nueva clase obrera y desarrollo del capital industrial en Bolivia (1952-1998)*. La Paz: Muela del Diablo, 1999
- ____ *Forma valor y forma comunidad: aproximación teórica-abstrata a los fundamentos civilizatorios que preceden al Ayllu universal*. La Paz: Chonchocorro, 1995.
- ____ *De demonios escondidos y momentos de revolución. Marx y la revolución social en las extremidades del cuerpo capitalista*. La Paz: Ofensiva Roja, 1991.
- LORA, G. *Elementos del Marxismo*, In: Obras Completas. La Paz: Ediciones Masas, 1994.
- MARX, K., ENGELS, F. *O Manifiesto Comunista*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1998
- ____ *La dominación británica en la India*, In: Karl Marx, Friedrich Engels, Obras Escogidas I, Moscú, Editorial Progreso, 1980
- ____ *Escritos sobre Rusia. El porvenir de la comuna rural rusa*. México: Siglo XXI, 1980b
- ____ *Imperio y colonia : escritos sobre Irlanda*. México : Pasado y presente, 1979.
- ____ *A ideología alemã*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979b.
- MARX, K. *A questão judaica*. São Paulo: Editora Moraes, 1991.
- ____ *O Capital*, Coimbra: Centelha - Promoção do Livro, SARL, 1974. Disponible en <http://www.marxists.org/portugues/marx/1867/ocapital-v1/index.htm>
- MAS. *Nuestros principios ideológicos*. Disponible en <http://www.masbolivia.org>
- MAS. *Diagnóstico de Bolivia*. Disponible en <http://www.masbolivia.org>
- ORELLANA AILLÓN, L. *El Gobierno del MAS no es nacionalista ni revolucionario: Un análisis del Plan Nacional de Desarrollo*. Serie Documento de Coyuntura 13. La Paz : CEDLA, 2006.
- ____ *La clase obrera: su determinación económico-social y su mistificación*. La Paz: PROMEC-UMSS / Plural Editores, 2003.
- PRADA, R. *Largo Octubre*. La Paz: Plural, 2004
- PRADA, R. *Subversiones indígenas*. CLACSO/Comuna /Muela del Diablo Editores, La Paz, 2008.
- PRADO JÚNIOR, C. *A Revolução Brasileira*, São Paulo: Brasiliense, 1987.
- QUISPE, F. *El MAS es un partidodemócrata*. Interview in Chileahora. [S.l.]: [s.n.], 2006.
- ____ *El camino de Tupka Katari y Zárate Willka*. Interview with Ivan Ignacio. [S.l.]: [s.n.], 2005.
- ____ *Habla el mallku*. Interview with L. Gómez, A. Giordano. [S.l.]: [s.n.], 2002.
- ____ *Organización y proyecto político de la rebelión indígena Aymara-Quechua*. Interview with P. Costas, M. Chaves, A. García. [S.l.]: [s.n.], 2001.
- ____ *El indio en escena*. La Paz: Pachakuti, 1999
- ____ *La visión de los campesinos*. En publicación: Umbrales, no. 9. CIDES, Postgrado en Ciencias del Desarrollo, UMSA, Universidad Mayor de San Andrés, La Paz, Mayo 2001 (b)
- ____ *Tupac Katari vive y vuelve, carajo*. La Paz: Ofensiva Roja, 1989.
- REINAGA, F. *La revolución india*. La Paz: Partido Indio de Bolivia, 1970.
- ____ *La razón y el indio*. La Paz: Partido Indio de Bolivia, 1978
- SADER, E. *A nova toupeira: os caminhos da esquerda latino-americana*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- SALMÓN, J. I. *EGTK: la guerrilla Aymara en Bolivia*. La Paz: Vaca Sagrada, 1992
- TAPIA, L.M. *La coyuntura de la autonomía relativa del Estado*, La Paz : CLACSO / Muela del Diablo / Comuna, 2009.
- ____ *As transformações do Estado boliviano*. In: Diplomacia, Estratégia, Política, N. 10. Brasília: Projeto Raul Prebisch, 2009b.
- ____ *Bloque F: Sobre la Actualidad de Pensamiento de Zavaleta: Análisis Comparado*. En publicación: "La Producción del Conocimiento Local". 2003.
- ____ *Pensar Bolivia desde la obra Pensade René Zavaleta*. La Paz: CIDES, Postgrado en Ciencias del Desarrollo, UMSA, Universidad Mayor de San Andrés, 2005
- ____ *La invención del núcleo común. Ciudadanía y gobierno multisocietal*. CLACSO, 2006.
- ZAVALETA MERCADO, R. *Lo nacional-popular en Bolivia*. Ciudad de México: Siglo XXI Editores, 1986.